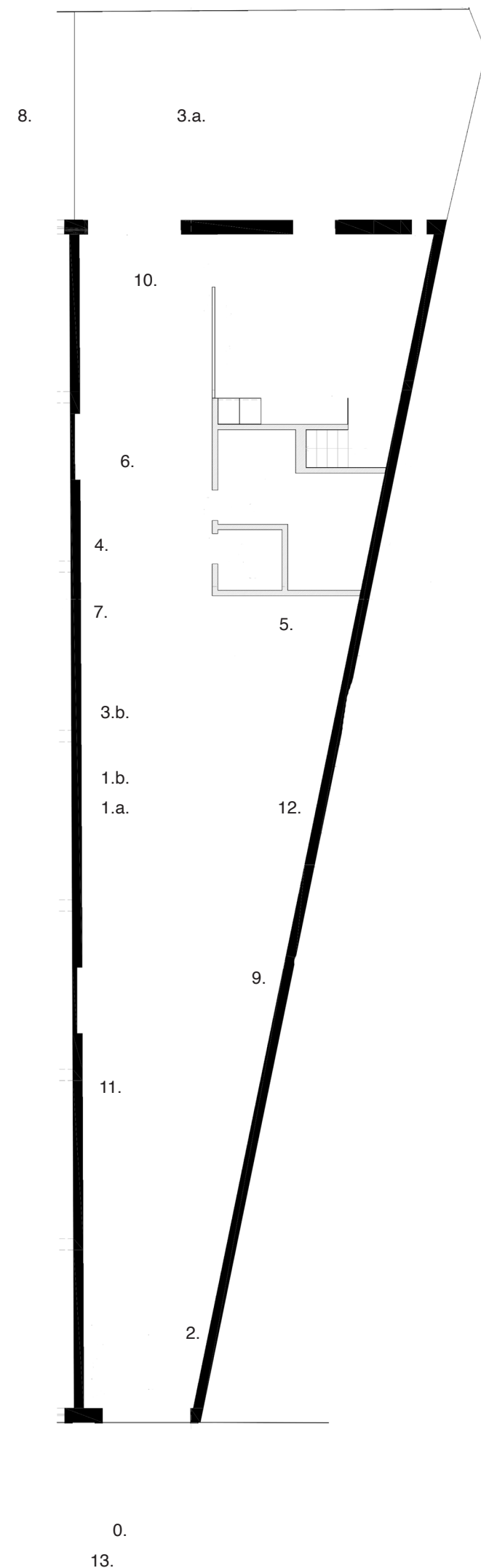




MIRA Galerias | Espaço MIRA
 Direção Manuela Matos Monteiro e João Lafuente
 Direção Artística Manuel Santos Maia
 Comunicação Manuela Matos Monteiro e Beatriz Vital
 Rua de Miraflor nº 159 | 4300-334 Campanhã, Porto
 Quarta-feira a sábado, das 15h às 19h
 SITE: miragalerias.net
 929 113 432 | miragalerias@miragalerias.net
 facebook.com/espacomira | @espacomira

Alexandra Costa
 Amanda Copstein
 Bruno Mesquita
 Filipe Marques
 Inês Amorim
 Josemar Blures
 Luísa Abreu
 Pedro Bastos
 Tânia Dinis
 Artur Prudente
 Leticia Maia
 Marcelo Reis
 Zhenghang Fu

Percepções e Alucinações

Derivas e incertezas



Francesco del Cossa, Santa Lucia, c. 1473/1474 (detalhe)

Em lugar de dizer que a alucinação é uma percepção exterior falsa, é preciso dizer que a percepção exterior é uma alucinação verdadeira.

Hippolyte Taine (*De l'intelligence*, 1870: Vol. II, Livro I, cap. I, pp.12-13)

Santa Lúcia, ou Luzia, é a santa protectora da visão e da luz. Em algumas versões da lenda, os seus olhos são arrancados (por si mesma ou por seus carrascos). É por isso celebrada como padroeira dos cegos, dos oftalmologistas e das doenças oculares, dos vidraceiros ou dos artesãos de vitrais. É uma santa visionária e alucinatória, representada frequentemente com uma bandeja numa mão, onde jazem os seus olhos defenestrados, e , na outra, um ramo de palma que simboliza o seu martírio. Já na famosa pintura de Francesco del Cossa, os olhos são como que flores que desabroçam, coisa viva embora desincorporada. Entre outros possíveis atributos iconográficos, Santa Luzia leva na cabeça uma coroa iluminada por velas, em directa referência à etimologia latina do seu nome: *Lux*.

Na religião, a *alucinação de Santa Luzia* refere-se às suas visões *post mortem* ou aos seus encontros miraculosos com santos. Noutros contextos, como na neurologia, a *alucinação de Santa Luzia* é usada como referência ao síndrome de Charles Bonnet, onde pessoas total ou parcialmente invisuais são acometidas por súbitas e vívidas alucinações. Santa Luzia, a santa dos olhos vazados, é assim a santa das alucinações, e, a seu modo, a patrona daquilo a que podemos chamar *imaginação cega*.

Durante anos, sempre que subia ao monte de Santa Luzia, em Viana do Castelo, encontrava um fotógrafo que nos tirava o retrato *à la minute*. Usava uma câmara básica, com uma tampa como obturador e uma técnica simples, chamada de lambe-lambe, fazendo um negativo em papel que revelava depois, dentro de um saco escuro com mangas de feltro pretas. De seguida, fotografava duas vezes este negativo, pousado num suporte em frente à lente. Repetia, expedito, toda a operação de revelação dentro do saco escuro, ali mesmo, à nossa frente. Lavava depois as imagens numa torneira próxima e entregava-nos duas fotografias, como quem nos entrega um oráculo. Cada retrato era como uma visão, um retorno ao tempo em que a fotografia era ainda uma coisa desnaturalizada e cada imagem uma aparição, uma *figura do espanto*, como dizia Pedro Miguel Frade. Ao longo dos anos guardei algumas dessas imagens, outras perderam-se, mas de todas guardo uma memória quase-alucinatória. Regressei a Santa Luzia há pouco tempo, subindo o monte de elevador, e voltei a encontrar o velho fotógrafo, no mesmo lugar. Desta vez, e lembrando-me do carácter visionário e alucinatório dos outros retratos que me tinha feito, a mim e quem tinha feito a subida comigo, afastei-me dele, por receio ou superstição. Só nesse dia percebi a razão de ser daquele homem naquele

lugar. Só nesse dia entendi o poder divinatório daquela câmara e da sua química, ali, no monte que leva o nome da santa de olhos vazados, da santa visionária e alucinatória. Nem sempre queremos confrontar-nos com as máquinas que deliram e imaginam futuros.

A relação entre o mundo das percepções e o das alucinações nunca foi simples ou inteiramente clara. Da percepção diz-se que acontece quando o cérebro processa e interpreta os sinais que lhe são enviados pelo restante corpo. Da alucinação, por seu lado, diz-se que ocorre quando o cérebro cria essa mesma experiência sensorial, seja na ausência de estímulos externos, seja por meio da transformação ou distorção desses mesmos estímulos.

O caráter escorregadio de tal relação nasce justamente dessa zona de indeterminação: tanto a percepção quanto a alucinação pertencem ao domínio da experiência sensível e ambas podem ser enganadoras, ao ponto de se tornar difícil distingui-las. Mesmo sem aprofundar a questão, percebe-se que aí residem também alguns dos mistérios da consciência.

As percepções talvez não sejam mais do que alucinações controladas. *Se toda a imagem, toda a sensação, é por natureza alucinatória*, então o fluxo indistinto entre percepção e alucinação recorda-nos, antes de tudo, que o imaginário e as suas imagens — através daquilo a que podemos chamar mediação — resultam de uma desnaturalização do próprio mundo. Isso é válido de igual modo para a cerebralização da experiência ou para a história, mais ou menos moderna, dos mecanismos de aparelhamento da percepção. As sombras bruxuleantes projectadas nas paredes das cavernas, os espelhos, a fotografia ou o cinema operam um movimento transformista na produção do imaginário, através de uma deslocação que se situa algures entre a percepção e a alucinação.

É precisamente dessa zona de sombra que nos fala a frase de Hippolyte Taine que abre este texto. Recuperando uma antiga ideia de Leibniz, para Taine, a percepção exterior e demais tomadas de consciência são como fantasmas (ou aparências) das coisas, e constituem, a seu modo, alucinações verdadeiras; isto é, se bem que possamos estabelecer uma correspondência com essas coisas, a sua presença (aparência) é fantasmática. Por sua vez, ainda que as alucinações, na falta de uma correspondência clara com as coisas do mundo, pareçam estar mais próximas do sonho, do sonambulismo, da doença ou mesmo da loucura, não deixam de ter essa mesma presença espectral. Tanto as percepções com as alucinações produzem espectros, fantasmas. Sob essa perspectiva, a alucinação deixa de ser uma monstruosidade para se tornar a própria *trama da nossa vida mental*. A correspondência entre o mundo sensível — ou, melhor, o modo como esse mundo se apresenta a cada um —, e a realidade, seja lá o que isso for, oscila, para Taine, entre verdade e mentira, entre realidade e fantasia, entre real e imaginário, de tal forma que essas categorias parecem dissolver-se num magma indistinto.

Essa zona de sombra, escorregadia, volátil e indistinta, é também, em grande medida, o território onde a prática artística há muito se instalou. Enquanto acções sensíveis, feitas dos corpos e para os corpos, das coisas do mundo para o mundo, os gestos da arte interrogam a todo o momento a própria noção de imaginário. Isto ocorre não apenas porque tais gestos reconfiguram incessantemente o imaginário, mas também porque gestos transitam, como um fluido, entre aquilo a que chamamos — na falta de melhor termo — percepções e alucinações, falsas ou verdadeiras, reais ou imaginárias. Também os *media* da arte são, sem excepção, o lugar onde se exercitam esses gestos. Por vezes, trabalha-se mesmo uma

alucinação total do medium, transformado em pura máquina de produção de espectros. Nessa sua autonomia impura e fluida, o medium é um corpo que cria e produz, cegamente. Assim, tudo o que parecia certo torna-se lugar da incerteza.

Percepções e adivinhações é a exposição final dos estudantes de 1º ano do Doutorado em Artes Plásticas (DAP), que é habitual acontecer em lugares exteriores à FBAUP. Este ano tem lugar no Espaço Mira e reúne uma série de trabalhos diversos na sua natureza e nos meios que convocam para a sua materialização. Essa diversidade é um espelho do caleidoscópio das práticas artísticas que encontram o seu lugar no DAP, um lugar de atravessamentos, fluxos e derivas.

Miguel S. Leal, Berlim, 26 de Maio de 2026

Espaço Mira. Queremos agradecer a toda a equipa, em especial à Manuela Matos Monteiro, ao João Lafuente e, claro, ao José Maia.

0.Miguel Leal
Ritornello(verde), 2026
 Canas, fita adesiva, madeira e tubo metálico
 Dimensões variáveis

1.a. Alexandra Costa
Ninho I, 2026
madeira, fibra de côco, pêlo de animal
Dimensões variáveis

1.b. Alexandra Costa
Ninho II, 2026
som stereo
3'33" loop

2. Amanda Copstein
Rua da Miragem — Introdução, 2026
 Desenho em técnica mista, fios de aço
 Dimensões variáveis

3.a. Artur Prudente
Barça, 2026
Impressão sobre aço, lona
Dimensões variáveis

3.b. Artur Prudente
Paisagem móvel, 2026
Impressão sobre fita, aço
Dimensões variáveis

4. Bruno Mesquita
Weight of Saying, 2026
Ecrã , software java personalizado , cimento , aço
Dimensão variável

5. Filipe Marques
A vida é um empilhador cansado, 2026
 Vídeo 60', aço, espelho e impressão em tecido flag
 Dimensão variável

6. Inês Amorim
(De)construction, 2026
Ferro pintado, lâmpada LED
50 x 50 x 200 cm

7. Josemar Blures
ErêCoração, 2026
Papagaio em pano e linha; cauda em embalagens de alimentos;
imagens fotográficas de arquivo pessoal em impressão offset
dimensões variáveis, 400 X 400 X 150 cm

8. Leticia Maia
Bulbosa, 2026
 Látex, fibra de poliuretano, nylon
 100 x 0,75 x 100 cm

9. Luísa Abreu
Mão na área, 2026
Video FHD, bolas de espuma, fita-cola, tela de projeção
8'38 loop, 115 x 188 x 61 cm

10. Marcelo Reis
Mata de Albergaria e Valinhas, 2026
Vidro, giz, som mono
110 x 220 x 200 cm

11. Pedro Bastos
A plantação do diospireiro, 2026
 1 LCD, 1 TV CRT, projector com 80 diapositivos
 Dimensões variáveis

12. Tânia Dinis
Depois do gesto, 2026
Filme Super 8/16mm, transfer/digital
5'00 loop

13. Zhenghang Fu
Gate, 2026
 5 Impressões, 25x150 cm (cada)